

Análise comparada dos setores da tomaticultura brasileira

Comparative analysis of the sectors of Brazilian tomato farming

Maria Thereza Macedo Pedrosa

Embrapa Hortaliças. Brasília, DF, Brasil

João Gabriel Carlos Ribas

Embrapa Hortaliças. Brasília, DF, Brasil

Paulo Freire Mello

Incra. Porto Alegre, RS, Brasil

Douglas Pereira Silva

Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil

Luiz Honorato da Silva Júnior

Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil

GT 02- Governança e gestão do agronegócio

Resumo: Foi realizada análise comparativa entre alguns dados de produção de tomate estaqueado e tomate rasteiro-indústria nos dois últimos Censos Agropecuários (2006 e 2017). Enquanto o estaqueado manteve relativa estabilidade, o rasteiro apresentou forte crescimento da produção, redução do número de estabelecimentos produtores, concentração produtiva em estabelecimentos com áreas totais maiores e concentração em Goiás. Nesse contexto, torna-se fundamental que políticas públicas e as estratégias de governança considerem as especificidades dos dois segmentos, não os tratando como setor único.

Palavras-chave: tomate *in natura*, tomate indústria, tomaticultura brasileira, censos agropecuários.

Abstract: A comparative analysis was conducted between production data for staked tomatoes (fresh market) and processing tomatoes (industrial/prostrate) based on the last two Agricultural Censuses (2006 and 2017). While staked tomato production remained relatively stable, processing tomatoes showed strong growth in output, a reduction in the number of producing farms, a concentration of production in larger total areas, and a geographical shift toward the state of Goiás. In this context, it is essential that public policies and governance strategies consider the specificities of both segments, rather than treating them as a single sector.

Keywords: fresh tomatoes, processing tomatoes, Brazilian tomato production, agricultural censuses.

1.Introdução

No Brasil, a cultura do tomate abrange dois segmentos distintos: de mesa (para o consumo fresco) e de indústria (para o processamento de atomatados). O primeiro é preferencialmente produzido com cultivares que precisam ser estaqueadas, enquanto o segundo, com cultivares que não precisam ser estaqueadas (as rasteiras). Dessa forma, é de praxe associar os dados dos Censos Agropecuários sobre “tomate estaqueado” ao setor de mesa e sobre “tomate rasteiro” ao setor de indústria. Embora pertençam à mesma espécie botânica, os sistemas de produção, as lógicas de mercado, as demandas tecnológicas e os perfis dos estabelecimentos produtores são diferentes. Ao analisar de forma comparada alguns dados dos Censos Agropecuários de 2006 e 2017 relacionados com os dois segmentos, o trabalho fornece subsídios para que órgãos públicos e agentes econômicos desenvolvam ações específicas, que

respeitem suas particularidades. Por fim, o setor de hortaliças é muito pouco analisado e este trabalho pretende suprir parte dessa lacuna.

2. Revisão da literatura

Os estabelecimentos produtores de tomate para mesa (estaqueado) apresentam perfis bastante diversos entre si. Seu sistema de produção demanda intensa mão de obra. A maior parte dos produtores comercializa sua produção com intermediários. Quase sempre, o preço é acertado no momento da comercialização. A assistência técnica é de origem diversa, podendo ser do governo, de cooperativas e privada (CARDOSO, *et al.*, 2024; PEREIRA; CUNHA; WANDER; 2021; FURQUIN; NASCIMENTO, 2021). No geral, os produtores de tomate rasteiro, quando produzido para industrialização, apenas iniciam o plantio após firmarem contrato com a indústria de atomatados, que oferece assistência técnica e exige a adoção de um pacote tecnológico que garanta o fornecimento em termos de volume e qualidade. Como a produção é mecanizada, a demanda de mão de obra é pequena (PEDROSO, 2020). A produção do tomate rasteiro se concentrou em Goiás em função do relevo e de incentivos fiscais para as indústrias (EVANGELISTA *et al.*, 2022). Como é produzido em grande escala sob pivô central, Alves (2017) sugere que tem características de *commodity*.

3. Metodologia

Foram analisados e comparados os dados de tomate rasteiro e tomate estaqueado entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017. As variáveis utilizadas foram: categoria de tomate, ano, toneladas produzidas, valor produzido em mil reais e número de estabelecimentos agropecuários, que foram consideradas para diferentes faixas de área dos estabelecimentos e nas Unidades da Federação (UFs). Foram também calculados e comparados os índices de Gini e realizada a análise de Pareto.

4. Resultados

Entre 2006 e 2017, o tomate estaqueado manteve sua quantidade total produzida relativamente estável, com cerca de 1,1 milhão de toneladas nos dois anos. O tomate rasteiro praticamente triplicou sua produção, passando de cerca de 380 mil toneladas, em 2006, para quase 1,15 milhão, em 2017. Essas diferenças também se refletem na distribuição por faixa de área total dos estabelecimentos agropecuários produtores. Enquanto o estaqueado manteve um padrão estável nos dois anos (tendo volume de produção maior que 70% em estabelecimentos

de até 100 hectares), o rasteiro passou de 66% da produção em estabelecimentos com até 100 hectares, em 2006, para 51% em estabelecimentos com mais de 500 hectares, em 2017.

Apesar do aumento do volume de produção de tomate rasteiro, houve diminuição do número de estabelecimentos produtores. No caso do tomate estaqueado, houve aumento no número de estabelecimentos, principalmente nas faixas de área total entre 1 e 50 hectares. O número de estabelecimentos produtores de tomate rasteiro passou de 7.401 para 5.427 unidades e de tomate estaqueado passou de 34.600 para 44.259, entre 2006 e 2017.

Quando analisamos o valor da produção total nacional de tomate em reais, e considerando uma inflação acumulada de aproximadamente 88% no período (IPCA), o valor do tomate rasteiro passou de cerca de R\$ 264 milhões para R\$ 580 milhões e do tomate estaqueado de aproximadamente R\$ 1,5 bilhão para R\$ 1,2 bilhão, em valores de 2017. O valor médio por quilograma de rasteiro e estaqueado teve leve diminuição entre 2006 e 2017, levando também em conta a inflação. No caso do estaqueado, foi de 1,37 R\$/kg para 1,12 R\$/kg e do rasteiro, de 0,69 R\$/kg para 0,51 R\$/kg.

Considerando o volume de produção de tomate rasteiro em 2006, São Paulo (34%), Goiás (18%), Pernambuco (15%) e Bahia (14%) foram responsáveis por 81% da produção nacional. Em 2017, Goiás (58%), Bahia (12%) e Minas Gerais (12%), somaram 82% da produção total. No caso do tomate estaqueado, a distribuição entre Unidades da Federação é menos desigual. Em 2006, São Paulo liderou com mais de 25% da produção e foram necessários ainda Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Goiás, Paraná e Espírito Santo para atingir 80% da produção nacional. Em 2017, os estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro e Santa Catarina juntos produziram mais de 80% da produção.

Sobre a desigualdade no valor total produzido por número de estabelecimentos, o tomate rasteiro apresentou os seguintes índices de Gini: 0,51 (2006) e 0,76 (2017). Enquanto, os índices de Gini do tomate estaqueado foram 0,29 (2006) e 0,38 (2017). Observou-se forte aumento da concentração do valor da produção do tomate rasteiro: em 2006, 10% dos estabelecimentos produtores de tomate rasteiro produziram cerca de 38% do valor total. Em 2017, menos de 10% concentraram mais de 75% do valor total produzido.

5. Considerações finais

A análise permitiu identificar mudanças relevantes na tomaticultura brasileira, evidenciando trajetórias distintas entre os segmentos de tomate estaqueado e tomate rasteiro. Enquanto o estaqueado manteve relativa estabilidade, o rasteiro apresentou forte crescimento

da produção, redução do número de estabelecimento, concentração produtiva em estabelecimentos com áreas totais maiores e forte concentração regional (Goiás). Esses resultados indicam uma intensificação do processo de concentração econômica e territorial, mais acentuado no segmento industrial. Tal cenário demonstra uma tendência de organização da cadeia produtiva do tomate para indústria com base em economias de escala, mecanização e integração com a indústria de processamento. Nesse contexto, torna-se fundamental que políticas públicas e as estratégias de governança considerem as especificidades dos dois segmentos, não os tratando como setor único.

Referências

ALVES, E. R. A. A quem cabe a sustentabilidade da horticultura: ao horticultor ou ao meio físico (ou a ambos)? In: LOPES, C. A.; PEDROSO, M. T. M. (org.). **Sustentabilidade e horticultura no Brasil: da retórica à prática**. Brasília, DF: Embrapa, 2017. p. 31–33.

CARDOSO, D. B.; BORELLI, V. A. da S.; PUTTI, F. F.; GOES, B. C. Horticultura no Brasil: desafios e oportunidades na produção e sustentabilidade do tomate. **Revista Tema Online**, [s. l.], v. 2, n. 2, jul./dez. 2024.

EVANGELISTA, Z. R.; ÁVILA, M. C. R.; DE FARIA, R. C.; NASCIMENTO, M. V.; VITAL, R. G.; NASCIMENTO, A. dos R. Tomaticultura para processamento industrial: características da produção brasileira e panorama da pesquisa científica. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Maringá, v. 15, n. 4, 2022.

FURQUIM, M. G. D.; NASCIMENTO, A. dos R. Aspectos relevantes para o entendimento da cadeia do tomate de mesa no Brasil. In: MEDINA, G. da S.; CRUZ, J. E. (orgs.). **Estudos em Agronegócio: participação brasileira nas cadeias produtivas**. Goiânia: [s. n.], 2021. v. 5.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006**: segunda apuração. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2006/segunda-apuracao>. Acesso em: 13 mar. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2017**: resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>. Acesso em: 13 mar. 2026.

PEDROSO, M. T. M. **A cadeia produtiva de tomate indústria**: implicações para a agenda tecnológica e a pesquisa agrônômica. Brasília, DF: Embrapa Hortaliças, 2020. (Documentos).

PEREIRA, J. W. A.; CUNHA, C. A. da; WANDER, A. E. Custos de transação na cadeia produtiva do tomate de mesa: o caso dos produtores de Goianápolis – GO, Brasil. **Reflexões Econômicas**, Ilhéus, v. 6, n. 1, p. 82-94, jan./jun. 2021.